

**FERNANDO PESSOA, THE POET WITH
MANY FACES: A BIOGRAPHY AND
ANTHOLOGY**

HUBERT D. JENNINGS

Carlos Pittella (ed.)

Lisboa: Tinta da China, 2019

282 páginas. ISBN 978-989-671-477-2

É um livro inesperado aquele que acaba de ser publicado pela editora Tinta da China: *Fernando Pessoa, the poet with many faces: a biography and anthology*, da autoria de Hubert D. Jennings, um autor falecido em 1991 e conhecido e apreciado pelos estudiosos pessoanos pela documentação que divulgou sobre a vida estudantil do poeta português durante os anos passados na África do Sul.

Publicado quase três décadas após a morte do autor, o livro tem, evidentemente, um editor científico, Carlos Pittella, que foi investigador pós-doutoral da Brown University, na qual se encontram depositados os “Hubert Jennings papers”, entre os quais se conta o manuscrito agora revelado. Pittella, também recentemente responsável por uma notável edição do *Fausto* pessoano, para além de subscrever um breve mas esclarecedor posfácio (“Editor’s note”), é igualmente o autor da esmagadora maioria das notas de rodapé do livro, que contextualizam e atualizam a informação veiculada no ensaio de Jennings, necessariamente desatualizada pelo turbilhão de novas edições de obras do poeta publicadas nas últimas décadas. Como é carac-

terístico da coleção de ensaios sobre Pessoa da Tinta da China, dirigida por Jerónimo Pizarro, esta edição foi enriquecida com diversas gravuras e fac-símiles que reproduzem peças do espólio pessoano. A bibliografia foi atualizada tendo em conta as necessidades da anotação agora introduzida.

Registe-se que este não é o primeiro livro sobre Pessoa recuperado pela Tinta da China, que em 2016 havia dado a lume um longo ensaio deixado incompleto por morte de Pierre Hourcade, o primeiro tradutor francês de Fernando Pessoa: *A mais incerta das incertezas: itinerário poético de Fernando Pessoa*. Note-se que Hourcade conviveu pessoalmente com o criador dos heterónimos entre 1930 e 1934, tendo sido um dos primeiros críticos estrangeiros a reconhecer a genialidade do autor da *Mensagem*.

Como explica Carlos Pittella na sua nota posfacial, o livro de Jennings terá ficado concluído em 1972 e deveria ser publicado pelo Instituto (Português) de Alta Cultura. A destituição do quadro diretivo do Instituto, na sequência do golpe militar de 25 de abril de 1974, acabaria por inviabilizar a publicação da obra, até agora. Ainda que a projeção internacional do poeta português no início da década de 70 do século passado não tivesse paralelo com o reconhecimento atual, a edição das suas “obras completas” pela Ática, em Portugal, e pela Aguilar, no Brasil, permitia já uma visão global e representativa da sua poesia, e o mercado

dispunha já igualmente de uma primeira biografia de Pessoa, publicada por João Gaspar Simões em 1950, e de estudos interpretativos tão valiosos como *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*, de Jacinto do Prado Coelho (1949), e *El desconocido de sí mismo*, do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1962).

A vida de Hubert Jennings cruzou-se diretamente com a vida e a obra de Fernando Pessoa quando o primeiro aceitou o encargo de escrever a história da Durban High School, na qual o ensaísta inglês foi professor entre 1923 e 1935 e onde Pessoa havia sido estudante. Nesse livro, comemorativo do centenário da escola, intitulado *The DHS Story, 1866-1966. A great book about a great school* e publicado em 1966, Jennings dedicava dois capítulos ao poeta português, o que evidencia um indelével apreço pela obra de Pessoa, um nome cuja primeira referência lhe chegara alguns anos antes, quando lera, numa carta do hispanista e lusitanista sul-africano Roy Campbell a um amigo comum, que o escritor português era “the finest poet in any language”, na primeira metade do século XX (p. 18).

Inevitavelmente, o livro de Jennings agora dado à estampa reflete a estrutura da biografia de João Gaspar Simões, atualizada por leituras posteriores, como a de Octavio Paz, que acentuavam o caráter misterioso, volátil e oscilante da obra e também da vida do fundador do *Orpheu*. Começa,

aliás, por referir um episódio que teria ocorrido com Pierre Hourcade, no qual é atribuída ao filólogo francês a narrativa de um encontro com Pessoa num café, que terminara com o súbito desaparecimento do autor da *Mensagem*, que parecia ter-se desvanecido no ar.

Na verdade, esta imagem de Pessoa desaparecendo magicamente nas escadas do Martinho da Arcada aparece num outro texto dedicado ao poeta, precisamente na sequência da publicação da *Mensagem*, publicado por Artur Portela no *Diário de Lisboa* de 14 de dezembro de 1934, e não permite uma leitura demasiado literal: “Fernando Pessoa recolhe-se. Disse tudo. Sob a escada de Jacob e desaparece à nossa vista, num céu constelado de enigmas e de belas imagens. Ferreira Gomes que está ao nosso lado olha-nos com mistério. Que é do poeta?”. Como se vê, no início dos anos 70, a lenda de Pessoa já começava a sobrepor-se à realidade.

É provavelmente sob a influência da leitura política que, na biografia já referida, João Gaspar Simões faz do criador dos heterónimos que Jennings coloca Fernando Pessoa bem à direita no espectro político, evocando outros célebres escritores do mesmo período – não apenas o inevitável Ezra Pound, mas igualmente Rilke, Yeats ou D.H. Lawrence – que admiraram os ditadores emergentes nas décadas de 20 e 30 do século XX europeu. E quase se surpreende por o poeta português não ter

escrito uma ode a Salazar, na sequência da que dedicara ao presidente-rei Sidónio Pais. É evidente que, como aponta em rodapé Carlos Pittella, o ensaísta não conhecia os poemas antissalazaristas de Pessoa, cuja divulgação era impossível antes de abril de 1974, do mesmo modo que não contempla no seu estudo o artigo intitulado “Associações Secretas”, publicado em 4 de fevereiro de 1935 no *Diário de Lisboa*, e que está diretamente implicado na origem dos escritos contra Salazar e o Estado Novo que o poeta produziu no seu derradeiro ano de vida. A verdade, porém, é que Fernando Pessoa não pode ser associado aos grandes poetas que sentiram fascínio pelos ditadores de natureza fascista ou nazi porque ele, simplesmente, nunca os admirou. E há documentos no seu espólio que comprovam a sua reprovação do manifesto governamental e do discurso de Salazar que criaram em julho de 1930 o partido único do Estado Novo, a União Nacional, e que demonstram que terá inclusivamente ensaiado uma (impossível) resposta na imprensa. É o caso de dois fragmentos recolhidos em 1979 por Joel Serrão em *Da República (1910-1935)*, e por mim histórica e cronologicamente contextualizados no volume intitulado *Contra Salazar* (2008).

As páginas que constituiriam na época prevista para a publicação do livro o contributo mais original para os estudos pessoanos são aquelas que Jennings dedica à passagem de Fernando Pessoa por Durban e

à sua brilhante trajetória estudantil nessa cidade. No entanto, quase toda a documentação que consta do livro a esse propósito, assim como a sua interpretação, acabaram por ser aproveitadas para o livro que o mesmo Hubert D. Jennings publicou em 1984, *Os dois exílios: Fernando Pessoa na África do Sul*, numa edição do Centro de Estudos Pessoaanos, cuja primeira parte é substancialmente dedicada ao percurso escolar do poeta português em terras sul-africanas. Curiosamente também já se indicia no livro agora recuperado o porquê de Pessoa não ter podido beneficiar da Natal Exhibition, o prémio que lhe permitiria aceder a uma bolsa para concluir estudos na Inglaterra. É o antigo colega do escritor português, beneficiário da mesma bolsa a que aspiraria o jovem Fernando, que explica que este não reunia as condições legais para a candidatura. O motivo foi já convincentemente explicado por Richard Zenith nas notas postostas à sua edição dos *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal* de Fernando Pessoa: a interrupção da atividade escolar por Pessoa, que passou um ano em Portugal acompanhando a mãe e o padrastrô, beneficiando de férias consulares, não lhe permitiu a realização de quatro anos consecutivos de estudos na colónia britânica do Natal, uma premissa necessária para sustentar essa candidatura. Jennings questiona também a interpretação freudiana da obra de Pessoa, sustentada pelo autor de *Vida e obra de Fernando Pessoa* con-

tra a vontade expressa do poeta, que, como sabemos, teve o cuidado de contestar epistolarmente aspetos concretos dessa interpretação.

Louva-se, porém, na tese hoje comprovadamente falsa segundo a qual Pessoa fundou a Íbis em 1907, utilizando a pequena herança que recebeu na sequência da morte da avó Dionísia. Sabemos agora, graças a Zenith e Mega Ferreira, que Gaspar Simões decifrou mal a data de uma carta de Fernando Pessoa, que, de resto, não poderia aceder legalmente à herança antes de concluir 21 anos, que era então a idade legal. Ou seja: tanto a carta como a fundação da empresa Íbis são, portanto, de 1909.

As páginas dedicadas ao regresso a Lisboa do jovem Fernando, em 1905, são introduzidas pelas duas versões de *Lisbon revisited*, de Álvaro de Campos, respetivamente redigidas em 1923 e 1926, uma vez que Jennings entendia que, através do seu heterónimo, Pessoa poderia estar a reproduzir a sensação experimentada anos antes pelo poeta.

Como era corrente na época em que se escreveu esta biografia, o entusiasmo pelo poeta português assentava bastante na pluralidade de vozes líricas, sobretudo centrada na construção do complexo heteronímico. É óbvio que o facto de cada um dos quatro primeiros livros da obra poética de Fernando Pessoa, publicados pela Ática nos anos 40 do século passado, ostentar na capa e no frontispício um nome de “autor”

diferente alimentou a ilusão da existência de um criador que funcionava permanentemente a quatro vozes, ideia que hoje sabemos ser inexata, não apenas porque a criação poética de Alberto Caeiro e Ricardo Reis obedecia a um guião estético e ideológico muito circunscrito e até delimitado cronologicamente, mas também porque, no conjunto da obra pessoana de que hoje dispomos, os heterónimos ocupam um espaço muito mais exíguo do que no início da década de 70 do século XX ainda se poderia supor.

Não surpreende que Jennings leia a heteronímia à luz da produção ensaísta sobre ela produzida por Octavio Paz e Jacinto do Prado Coelho e tendo como guia de leitura a carta de 13 de janeiro de 1935, escrita por Pessoa a Adolfo Casais Monteiro com o claro objetivo de condicionar a leitura no sentido que mais interessava daquele momento ao poeta, que pretendia apresentar os heterónimos como criaturas relativamente autónomas do seu criador. Apesar disso, e mesmo que não retire dessa diferenciação todas as consequências, o biógrafo inglês tem a clarividência suficiente para distinguir a neurastenia literária de Pessoa da neurastenia clínica: “He was not the victim of his fantasies. He was their master” (p. 108). Ocorrem-me as palavras de Bernard Chouvier sobre o *Livro do Desassossego*, no seu livro de 2014, *Pessoa. Un voyage entre rêve et folie*, quando sublinha a precisão quase clínica da representação ficcional, nessa obra, da profundidade e

da complexidade da atividade psíquica humana. Falamos, portanto, de arte, não de patologia.

Não há muito a dizer sobre a antologia poética que complementa o volume, não excessivamente ampla mas criteriosa, onde não há lugar para as grades odes de Campos, mas sim para a “Tabacaria”, e que inclui apenas quatro poemas originariamente publicados em inglês.

Fernando Pessoa foi, como sabemos, um escritor que viu fracassarem alguns dos seus mais significativos projetos editoriais, o que teve como efeito uma trajetória de escritor muito diversa daquela que poderia ter ocorrido se, por exemplo, tivesse conseguido lançar em 1915, como pretendia, o livro com as poesias de Alberto Caeiro. Também a recepção póstuma de Pessoa teria sido diversa se se tivessem podido publicar atempadamente os livros de Jennings e Hourcade, para não falar das traduções que a morte de Roy Campbell impediu que se concretizassem ou do igualmente precoce falecimento de Georg Rudolf Lind quando preparava para a editora suíça Ammann uma ambiciosa edição em alemão das obras de Pessoa.

Nada que perturbe particularmente os leitores de Fernando Pessoa acostumados a acolher sempre tardiamente uma obra que não envelhece.

António Apolinário Lourenço

<https://orcid.org/0000-0002-1014-0459>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_9_19

**EL FUTURISMO EN EUROPA
Y LATINOAMÉRICA: ORIGENES
Y EVOLUCIÓN**

SANDRA TEIXEIRA DE FARIA (Ed.)

Madrid: Ediciones Complutense, 2019

204 páginas. ISBN 978-84-669-3632-3

El Futurismo en Europa y Latinoamérica: orígenes y evolución, coordinado y editado por Sandra Teixeira de Faria, presenta, estructurado en tres partes (“Orígenes, integración y expansión en Europa”; “De Europa a Latinoamérica” y “¿Futurismo versus nuevas vanguardias?”), diez artículos derivados de comunicaciones que los autores convocados presentaron en la *I Jornada Internacional El Futurismo en Europa y Latinoamérica*, celebrada el 27 de septiembre de 2017 en la Facultad de Filología de la Universidad Complutense de Madrid.

La obra tiene, en primer lugar, la relevancia de presentar estudios críticos que actualizan teórica y bibliográficamente el lugar del Futurismo en la historia del arte del siglo XX, tanto en Europa como en Latinoamérica. En este sentido, en la primera parte encontramos textos que analizan la recepción, repercusión e influencia del movimiento ideado por Marinetti en Francia (“Aspectos del Futurismo en la poesía francesa de vanguardia”, por Jaime Barón), Alemania (“Futurismo en Alemania: acción y reacción”, por Carmen Gómez García), Italia (“A vanguardia florentina da revista *Lacerba*”, por Barbara Gori), Reino Unido (“En el centro